

EDITORIAL

O que se esperar de um veículo impresso que, embora indiscutivelmente ligado ao mundo acadêmico, não responda por um departamento específico, não identifique seu campo de interesse com as fronteiras de uma ou outra disciplina? Pode-se dizer que a Estudos Universitários, desde 1962, ano de sua criação, tem respondido pela totalidade de uma instituição, pelo todo de um estabelecimento universitário – no caso, a antiga Universidade do Recife, hoje Universidade Federal de Pernambuco.

“Pelo todo de um estabelecimento universitário”: o sentido dessa expressão vai além do reportar-se a múltiplas disciplinas. Sediado esse estabelecimento, há décadas, numa cidade – hoje, em mais de uma –, seus edifícios são por esta cotidianamente atravessados, na medida em que acolhem, em bibliotecas, salas de aula, corredores e auditórios, uma circulação diária de milhares de pessoas, entre alunos, servidores, professores e pesquisadores, circulação essa que é parte indissociável das próprias atividades de produção e de compartilhamento do conhecimento. Tal como seus edifícios na cidade, assim permeáveis, todo empreendimento educacional se situa, também permeável, numa cultura, que diariamente o invade. Submeter-se à concretude de uma instituição, e não a uma dada disciplina, corresponderia, em primeiro lugar, numa disposição

especialmente dialógica, a admitir-se como vítima feliz dessa invasão. Terá sido precisamente essa a atitude intelectual de alguns dos muitos nomes que povoam a memória da universidade e da própria Estudos Universitários: a pedagogia de Paulo Freire, as aulas de estética de Ariano Suassuna e a ensaística de Gilberto Freyre, entre outros exemplos, demonstrariam como a fecundidade acadêmica pode integrar-se à fecundidade irrestritamente cultural de um lugar, imiscuindo-se em suas práticas, concepções e valores cotidianos, imiscuindo-se em sua arte, em suas técnicas, em seus dilemas, em sua política. O lugar da universidade é sempre um lugar, afinal, do qual é ela apenas parte: e assim admitir-se, admitir-se como parte, é o primeiro passo para admitir-se em diálogo.

Um modo específico de produção de conhecimento, enfim, estaria aqui em jogo, como busca primeira do renovado projeto editorial que se inaugura agora para a Estudos Universitários – projeto, no entanto, cuja inspiração definitiva não foi senão a vocação que expressamente a orientou em seu próprio momento fundacional: a vocação para a extensão universitária. Seja abrindo-se a maior público os dilemas de uma disciplina, seja abrindo-se à inteligência acadêmica os dilemas de um maior público, substituindo-se em ambos os casos o jargão dos pares pela permeabilidade urbana

do ensaio: cultura e ciência, nesse encontro, mutuamente se dão lições. Sob um projeto gráfico igualmente renovado, que moderniza a austeridade clássica dos tradicionais boletins universitários, espera-se assim a elaboração, número a número, num concerto sempre plural de contribuições, de uma voz universitária que, sociável, saiba pôr a universidade fora dela mesma, mas mantendo-a no pleno exercício do seu compromisso mais vital: o compromisso com o conhecimento, com a melhoria incessante das nossas verdades, com a geração de novos modos de inteligibilidade do mundo à nossa volta. Do mundo próximo ou distante, e do mundo teórico, empírico, estético, moral, político ou tecnológico: não importa. Importa que seja um conhecimento, em todo caso, que se proponha como cultura – para uma revista de cultura. O novo projeto editorial e gráfico, portanto, respeita a história intelectual da revista e seu papel cultural em diversas épocas. E ser fiel a uma história não significa repeti-la, ou buscar uma essência inamovível no passado. Trata-se, acreditamos, de valorizar a herança da revista mantendo-nos fiéis a nós mesmo e ao nosso tempo, às nossas circunstâncias.

ESPECIAL “OS SENTIDOS DA UNIVERSIDADE”

A expressão “os sentidos da universidade”, título do especial temático da presente edição, que celebra os 70 anos da UFPE, reúne em si diferentes significados. Remete aos diferentes sentidos – rumos, direções, significações – que a universidade pode adotar em seu caminho para o futuro; remete à auscultação atenta que a universidade dedica ao meio

social em que atua, como um corpo que aguça os cinco sentidos para o mundo em volta; e, por fim, remete aos sentidos, aos motivos, às razões – razões políticas, culturais, econômicas, ambientais – de se continuar desejando que permaneça em atividade entre nós uma instituição pública voltada à produção de ciência, pensamento, cultura. De diferentes formas, com diferentes pressupostos, diferentes pesquisadores foram convidados a tratar do assunto, contemplado aqui sob as formas do ensaio, da entrevista, do artigo – neste último caso, por meio da republicação, na seção Acervo, de uma reflexão de Paulo Freire que integrou o primeiro número da revista. O resultado pode ser conferido nas próximas páginas.

A mesma alternância entre a premência do presente e a fecundidade da memória, por fim, pode ser encontrada nas demais seções: na temática dos demais estudos e ensaios, que ainda se deixam acompanhar da resenha e do texto literário que fecha a edição.

A vertiginosa onda de mudanças que a cultura contemporânea impõe ao presente exige repensar valores e significações. Nessa dinâmica, a universidade ocupa um lugar de destaque como lugar privilegiado de produção e crítica do conhecimento. A essa exigência tentaremos responder a cada novo número da revista. A proposta da Estudos Universitários é ser, cada vez mais, um fórum de debates realmente pluralista – na contramão das várias formas de dogmatismos ideológicos de nosso tempo –, além de um espaço de convívio e criação intelectual e artística. ¶